

20 OUT 1994

Márcio Moreira Alves

CORREIO BRAZILIENSE

# Sinais de Vida no Congresso

Havia choro e ranger de dentes. Muitos tapinhas nas costas, sorrisos e parabéns, também. Depois dos sofrimentos de campanha e da contagem de votos em todo o país, menos na vergonha nacional em que se transformou o Rio de Janeiro, o Congresso esquentava os motores para funcionar três dias.

As conversas giravam em torno das eleições. Muitos mineiros indignavam-se com o abuso do poder econômico nas eleições proporcionais. "Acabou a política antiga, de cultivar bases eleitorais mediante serviços às comunidades e conversas com os chefes políticos, lastimava Israel Pinheiro Filho, que conseguiu raspando a reeleição. "Hoje, basta montar uma banca, chamar os prefeitos e começar a distribuir dinheiro para se conseguir um mandato de deputado federal". Tarcísio Delgado, líder do PMDB que não renovou o mandato, seguia na mesma linha, trocando informações com os correligionários. Eram todos unânimes em considerar as campanhas de Eliseu Rezende, ex-diretor da Odebrecht e ex-ministro da Fazenda, e de Danilo de Castro, um quase desconhecido ex-presidente da Caixa Econômica que se elegeu pelo PSDB, como as mais opulentas.

O voto religioso era o outro assunto comentado. A Igreja católica não parece ter tido sucesso. Em São Paulo, Irma Passoni, excelente deputada, e Chico Whitaker vereador da capital, não conseguiram se eleger. No Rio, Cândido Mendes de Almeida, irmão de dom Luciano, presidente da CNBB, tampouco conseguiu passaporte para Brasília. Em compensação, a

bancada evangélica cresceu. Só no Rio, foram eleitos cinco, sendo três da igreja do bispo Macedo e Francisco Silva, da Assembléia de Deus e dono de rádios, foi o mais votado. O ex-deputado Daso Coimbra tem uma explicação: 26% da população do estado são evangélicos, o maior percentual do país. Os fiéis votam disciplinados. Se entregam à igreja um décimo do que ganham, por que hesitariam em entregar o voto?

Trabalho, até que houve. Na reunião de líderes para combinar a votação de Orçamento de 1994, os ministros da Educação e da Ciência e Tecnologia fizeram dramáticos apelos em favor de destaques que lhes permitissem pagar 43 mil bolsistas que desde agosto não recebem e o material escolar para os estados e municípios. Marcelino Romano, PPR-SP, aproveitou a brecha para pedir dinheiro para o Hospital São Paulo. Os nordestinos protestaram: Tem seca! Tem gente morrendo de fome! Já não tem nem mais rato para comer! Também quero dinheiro para o meu estado!

Quando o berreiro estava ensurdecedor, o baiano João Almeida deu um berro mais forte. "Senhor, presidente: temos um cadáver insepulto, apodrecendo, que é esse orçamento. Vamos fazer mais uma barbaridade, aprovando esses destaques e votando o orçamento sem nenhuma outra emenda."

Ou todos se locupletam, ou haja moralidade. Foi assim que se acertou a votação do Orçamento do Brasil no ano de 1994. Bem no finzinho, já quase sem préstimo.